



Encontros com Jesus

10 – O Mestre Obediente

“Meu Pai, se não for possível afastar este cálice sem que eu o beba, seja feita a tua vontade” – Mateus 26:42

Introdução

- *Você tem medo da morte?*

Encontramos na Bíblia relatos de cristãos que enfrentaram a morte com tranquilidade e destemor, como em Apocalipse 12:11. O relato da morte de Estêvão nos impressiona – com paz no coração, “rosto de anjo”, ele foi apedrejado até à morte, perdoou os seus algozes e “adormeceu” (Atos 6:15, 7:54-60). Na Roma antiga, os cristãos iam cantando no Coliseu para serem devorados pelos animais. No filme *Coração Valente*, Mel Gibson interpreta um personagem que, no momento da decapitação, sorri e grita: *Freedom! (Liberdade!)*.

- *Por que Jesus sentiu o pavor da morte no Getsêmani?*
- *Por que não tem o rosto radiante como a face de um anjo?*
- *O que Ele viu e sentiu que não lhe permitiu ter uma morte tranquila?*

No Encontro de hoje, vamos compartilhar este momento de Cristo que nos traz uma luz sobre como deveríamos responder a esse fato.

1. A Magnitude da Dor

Mateus, Marcos e Lucas encontraram, cada um de per si, um modo de nos relatar que a dor e o sofrimento de Jesus eram enormes, muito além do que esperaríamos em um momento como esse. Cristo diz aos três discípulos: *“A minha alma está tão triste que estou a ponto de morrer”* – Mateus 26:38, Marcos 14:34. Ele experimentava uma agonia interna e mental tão insuportável que tinha a impressão de que a dor já bastaria para matá-lo bem ali.

Marcos usa o termo grego *ekthambeisthai*, que significa ser “transportado para um intenso estado emocional devido a algo que causa grande surpresa ou perplexidade”. Assim, o próprio Senhor Jesus se surpreende com sua agonia (Tim Keller).

Jesus sabia que iria morrer e, durante sua caminhada, vai preparando seus discípulos para este momento. No entanto, Jesus se depara com algo muito maior: **O Cálice**.

O Cálice não representava todo o tipo de morte; apenas as ordenadas em juízo. Ou seja, EXECUÇÃO. Mas, o Cálice refere-se à *justa ira de Deus contra a injustiça e a prática do mal*. Veja Ezequiel 23:32-34; Isaías 51:17. A Ira de Deus está prestes a se abater sobre Jesus. E o que ela significava para Jesus?

A tortura da ausência divina.

Em 2 Tessalonicenses 1:7,8: *“...quando o Senhor se revelar do céu [...] punindo os que não conhecem a Deus e os que não obedecem ao evangelho...”*, sabemos que o julgamento de Deus é incrivelmente justo. É uma consequência natural daquilo que fazemos. Tim Keller diz que *“a essência do pecado é: não quero Deus na minha vida”*. E *“a essência da justa ira de Deus é dar-nos o que pedimos”*. O que aconteceria se de fato Deus removesse seu poder de nossa vida? Uma agonia e desespero espiritual se prolongariam para sempre, pois fomos criados para seu amor e presença.

Jesus, em sua existência humana, experimentou a alegria e a presença de Deus na oração regular e na comunhão com o Pai, numa perfeita intensidade do amor de Deus. A declaração do Pai: *“Este é o meu Filho Amado”* comprova a extensão dessa comunhão. Ao entrar no Jardim e começar a orar, ele

encontrou – pela primeira vez em toda a eternidade – encontrou as linhas de comunicação interrompidas. Ele começa a orar e, de repente, enxerga o fundo do abismo. Sem Pai, sem presença, sem comunhão. E Ele começa a experimentar não apenas a ausência de amor, mas a presença da Ira de Deus.

A extensão da Ira de Deus está acima da nossa capacidade de raciocínio, como também a extensão do seu amor. Por isto, Lucas afirma que Jesus estava literalmente em agonia, e, ao orar, seu suor abundante era como “gotas de sangue”.

2. A Obediência Passiva e Ativa de Cristo

Os teólogos afirmam que, em sua obediência passiva, Jesus tomou para si a punição que nós merecíamos – teve a morte que todos nós deveríamos ter morrido. Em sua obediência ativa, Ele teve a vida que nós deveríamos ter vivido.

Se crêssemos apenas na obra passiva de Jesus, poderíamos nos sentir sob grande pressão e medo de, verdadeiramente, “não termos acertado nossa vida com Deus” e, de ainda, poder perder o favor de Deus, caso erremos.

Mas, não foi só absorver nosso castigo o que Cristo fez. Ele viveu a grande vida de amor e fidelidade que nós deveríamos ter vivido a fim de merecer a bênção de Deus. Ninguém consegue amar a Deus, com amor perfeito, pleno e sacrificial – a não ser Jesus. E porque Ele cumpriu a lei de Deus passivamente – e também ativamente – em nosso lugar, como nosso substituto, nós não recebemos a punição de Deus por nós merecida, mas, recebemos também o prêmio de Deus que Ele merecia. Isto é Graça sobre Graça!

3. O que isto tem a ver com o Jardim do Getsêmani

Uma coisa é saber algo de modo cognitivo; outra, bem diferente, é saber algo de forma experimental. Imagine se você pudesse “antever” um pouco do barulho e da dor provocada pelo motorzinho do dentista... Você iria lá, de bom grado?

Foi a primeira vez que Jesus teve uma visão plena da dor e do sofrimento envolvidos na ordem que recebera. Pareceu-lhe tão grande, que provocou o suor de sangue. Jesus “anteviu” o que estava lhe esperando. Jonathan Edwards, no sermão “A Agonia de Cristo” diz: *“a agonia de Jesus Cristo foi causada por uma visão vívida, brilhante, plena e imediata da ira de Deus. O Pai, por assim dizer, depositou o cálice na sua frente, o que foi muito mais terrível do que a fornalha de Nabucodonosor”*.

Parece que Deus mostrava ao Filho o que Ele iria passar: *“Vê seus amigos dormindo logo ali? Se for para que sejam salvos, não há nenhum outro caminho. Ou Eles perecem, ou você perece”* (T. Keller).

De sua consciência, Jesus poderia ter desistido. E, particularmente, creio que o Pai aceitaria. Mas, Jesus sabia que tanto os discípulos, como nós, não merecíamos nenhuma união com Ele e jamais faríamos alguma coisa para nos tornarmos aceitáveis a Ele.

Conclusão

“Não permita que isto aconteça, Pai”, poderia ter sido a oração normal do Filho de Deus, ante a prévia do que Ele estava vivendo. Ainda mais olhando para seus amigos dormindo, o que poderia ser encarado como falta de companheirismo.

É importante que vejamos a beleza desta cena: sua resposta a esse imenso desafio antes do caminho sem volta da Cruz. Que diferença isso faz para nós?

- 1) **Jesus, no jardim, é um modelo sem paralelo de Integridade.** Estava sozinho com o Pai e não tinha ninguém olhando. Ele poderia ter desistido.
- 2) **É, também, um modelo de Oração.** O propósito básico da oração não é sujeitar a vontade de Deus à minha, mas moldar minha vontade à Dele.

3) **Finalmente, um tremendo exemplo de Paciência com as pessoas.** *“Vocês me abandonaram, mas sei que não foi por mal”*. Mais tarde, após a ressurreição, Jesus caminha com eles e *“aposta todas as fichas”* da evangelização nos onze que O abandonaram – Mateus 28:16-20.

O Mestre Obediente não nos diz apenas como viver; Ele dá-nos o poder para viver desse modo. Isto é o que Cristo fez. Mas, somente se o virmos como um SUBSTITUTO, conseguiremos de fato ter a capacidade de viver de acordo com o seu exemplo. Isto nos leva à seguinte questão:

- *Como você lida com a crítica e o fracasso?*

Não deveríamos olhar para quem somos em nós mesmos, mas olhar para quem somos NELE. E o que somos Nele? *“Somos mais que vencedores, por meio daquele que nos amou”* – Romanos 8:37.

E tem, ainda, mais um ponto a considerar: perguntamos, no início – *“você tem medo da morte?”* Quando lemos Hebreus 2:14-18, compreendemos que o Mestre Obediente enfrentou o pavor da morte *“para que, por sua morte, destruísse aquele que tem o poder da morte, a saber, o diabo, e livrasse todos que, pelo pavor da morte, estavam sujeitos à escravidão por toda a vida”*.

Aleluia! *“Tragada foi a morte pela vitória!”* – 1 Coríntios 15:54-57.